

“Sei em quem pus a minha confiança” (2 Tim 1,12).

P. CLAUDIO LUIZ BINS S. J.

The dynamic-historic conception of man, open to an ever wider horizon, and partly ignored, the valorization of human freedom, that doesn't stand any restriction, not even from the individual proper, challenge seriously the possibility for christians and clergymen of getting engaged for ever and being faithful unto death.

The history of salvation, the history of the interrelationship of God with man, with the elected people and with the individual point out that: faithfulness is primarily faithfulness to somebody, to God, and not to laws and things. God is faithful. He enables man to get into union with Him, to engage into a concrete mission, being faithful unto death. Faithfulness does not mean a tie-up to the past, but an openness and growing to an ever wider future, to God ever deeper in His divine love. This growth however is of a concrete beginning. This faithfulness to God, always renewed, does not deny the first love. It delivers in the first concrete love the new situation, taking it to a better ripening, in search of the fulness. Faithfulness to the real human being, to his total being, is possible, according to Revelation, only in the interrelationship with the Father, through Christ, in the Holy Spirit, in the community of the Church. Getting engaged for ever with Christ and with His concrete mission, and being faithful to Him unto death, as a christian and as a religious, is not only possible, but it is the true accomplishment and liberation of man. It is possible because God "loved us first", because God is faithful.

Na época de transição em que nos encontramos, falar de fidelidade do religioso e mesmo do cristão suscita as mais variadas reações. O termo fidelidade evoca o estar ligado a leis, costumes e tradições; diz retôrno constante ao passado; como que se identifica com estagna-

ção, esclerotização ou fixação.

Tal atitude é inconcebível no mundo em que vivemos, no qual a realidade não é só concebida, mas comporta-se dinâmico-evolutivamente. Ser fiel no mundo de hoje, é, acima de tudo, ser fiel ao homem, à comunidade e não a coi-

sas ou leis. O homem concebe-se e age como ser livre, histórico, criador de seu porvir e do mundo. Nesta concepção, ser fiel a si mesmo é manter-se aberto, manter-se livre em relação ao futuro sempre nôvo, às novas possibilidades que vão surgindo a partir das próprias invenções feitas pelos homens e a partir das novas situações. Não há, portanto, lugar para um compromisso com o passado estagnado, que impossibilita esta disponibilidade para o sempre nôvo e maior.

Nestas perspectivas, como pode uma pessoa ou um grupo optar pela vida cristã, e nesta pela vida religiosa? Como pode alguém hoje decidir sobre toda sua vida, sobre todo seu futuro? Como pode alguém engajar-se para sempre num modo de vida se não sabe para onde o levará a vida; se desconhece as circunstâncias que amanhã influenciarão a sua liberdade; se ignora hoje a sua situação concreta no futuro; se não conhece os caminhos de sua história, as novas possibilidades que se lhe oferecerão? Engajar-se para sempre numa vida não é por acaso cortar, pela raiz, a própria liberdade do homem, o seu poder criador, a sua capacidade de tomar sempre novas iniciativas? Não é negar a historicidade do homem, o seu ser-aberto-para-o-futuro? Não é ser infiel ao próprio homem? Não "exigirá" a fidelidade do homem ao seu próprio ser, circunstanciado e histórico, que ele amanhã abandone o que hoje assumiu?

Não é orgulho do homem querer dominar desde agora todo o seu futuro? Não é isto procurar uma falsa segurança? Não tendo capacidade nem coragem de enfrentar as novas situações e os riscos que lhe sobrevierem, o homem fixa desde já o caminho a seguir no futuro. Não deveria o homem ser mais humilde, mais obediente ao seu ser e, assim, a Deus? Não deveria ele deixar sempre aberta a sua vida para o absolutamente nôvo? Para o absolutamente inesperado? Deixar que Deus, o sempre nôvo, o apele a qualquer momento, também no futuro, como Ele o quiser, e não como o homem o determinar por seus compromissos? Não seria esta a autêntica fidelidade ao homem e ao próprio Deus?

Estas e semelhantes reflexões, baseadas em ciências, filosofias, psicologias, antropologias e teologias, estão presentes implícita ou explicitamente em corações de cristãos e de religiosos, para alegria e estímulo de alguns, para tristeza e angústia de outros.

Algumas reflexões, baseadas na história do "povo de Deus", poder-nos-ão talvez ajudar em meio a tanta confusão. Não desejo "provar" uma tese, nem apresentar soluções prontas. "Aquele que tiver ouvidos, ouça" (Mt 13, 9). "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou, não o atrair" (Jo 6, 44). "Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo" (Mt 28, 20).

I. Fidelidade de Deus na Aliança com o povo eleito

A história da humanidade, à luz da revelação, é a história da salvação, da aliança de Deus com os homens, do amor fiel de Deus aos homens apesar das infidelidades dos homens. Desta história da aliança (que é um dos modos de exprimir o interrelacionamento gratuito de Deus com os homens), que nos foi revelada na história da aliança de Deus com o povo de Israel, podem-se destacar os seguintes elementos:

1. Deus, ao escolher, entre outros a Abraão e a este povo determinado, para com êle realizar uma união pessoal de amor, **promete-lhe** uma numerosa descendência e a posse da terra santa.

No decorrer da longa história de Israel o **conteúdo** da promessa se amplia sempre mais. Em outras palavras: Deus **revela gradativamente**, de acôrdo com as vivências históricas do povo, o desígnio de Seu amor aos homens, para manifestá-lo plenamente em Cristo: "Muitas vèzes e de muitos modos, falou Deus outrora aos nossos Pais pelos profetas; mas últimamente falou-nos por seu Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo" (Hebr 1, 1s); Deus Pai "fêz-nos conhecer o misterioso desígnio de sua vontade que,

em sua benevolência, Êle formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos, — o desígnio de reunir em Cristo tôdas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra" (Ef 1, 9s); "Cristo, na própria revelação do mistério do Pai e de seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação" (1).

2. A promessa de plenitude para o homem atinge-o em sua pluridimensionalidade (2), mas o seu **cerne** é o interrelacionamento do homem, por Cristo, no Espírito Santo, com o Pai: **a união com Deus**. "Aproveu a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade (cf Ef 1, 9), pelo qual os homens, por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2, 18; 2 Pedr 1, 4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Col 1, 15; 1 Tim 1, 17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Êx 33, 11; Jo 15, 14-15), e com êles se entretém (cf. Bar 3, 38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber" (3).

Esta união, êste interrelacionamento pessoal de Deus com os homens, com o povo eleito já se mostrou desde o início como

(1) Gaudium et Spes n.º 22, 1.

(2) Como indivíduo espiritual-material é-lhe prometida a ressurreição, cf p. ex.: Jo 6, 54; 1 Cor. 15. Como ser que vive em comunidade é-lhe prometida a plenitude da união com os outros, p. ex.: Mt 25, 34; Jo 17, 20—24; Lumen

Gentium n.º 48. Como ser relacionado aos cosmos é prometida a renovação dêste, p. ex.: 2 Pedr 3, 10—13; Rom 8, 19; Gaudium et Spes n.º 39.

(3) Dei Verbum n.º 2; cf. também: Lumen Gentium n.º 2—4; Gaudium et Spes n.º 22; 24; 45; Ad Gentes n.º 1, 2; 2, 2; 3, 1.

a realidade central da aliança: "Faço aliança contigo (Abraão) e com tua posteridade, uma aliança eterna, de geração em geração, para que eu seja o teu Deus e o Deus de tua posteridade" (4). "Tu serás o meu povo e eu serei o teu Deus", é a fórmula que retornará continuamente na história do povo eleito, mas de um modo especial nos seus momentos decisivos: da aliança no Sinai (cf. Ex 19, 5; Dt 7, 5), nas promessas da nova aliança (cf. Jer 31, 33; Ez 37, 23. 27; 36, 28), na promessa da consumação final: "Deus será tudo em todos" (1 Cor 15, 28) (5).

Esta fórmula exprime, de um modo sintético, o desígnio de Deus, o cerne da aliança: a íntima relação de união entre Deus e o seu povo (6).

A promessa divina a Abraão, ao povo eleito, aos homens não é outra coisa senão a **palavra engajadora** de Deus, o compromisso de amor de viver com eles o interrelacionamento pessoal através da história e de conduzi-los para a plenitude trans-histórica da união total.

3. Ao engajamento de Deus, as promessas, corresponde o livre engajamento do povo: a fé em Deus, a confiança de que Ele realizará as Suas promessas, a resposta do amor, o sim ao apêlo do Pai, a ser vivido

nas circunstâncias históricas da vida concreta (a obediência). "Abraão creu no Senhor, e o Senhor lhe imputou como justiça" (Gên 15, 6; cf. Rom 4, 3; Gál 3, 6; Tg 2, 23). "Moisés tomou a metade do sangue para metê-lo em bacias, e derramou a outra metade sobre o altar. Tomou o livro da aliança e o leu ao povo, que respondeu: 'Faremos tudo o que o Senhor disse, e seremos obedientes'. Moisés tomou o sangue para aspergir com êle o povo: 'eis, disse êle, o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, conforme tudo o que foi dito" (Ex 24, 6-8). O povo eleito corresponde ao apêlo divino, adere para sempre ao único Deus verdadeiro, confia nas promessas divinas, dá a sua palavra de viver a aliança vivendo os mandamentos.

Pode ser fácil para nós admirar e exaltar a fé de Abraão. Mas quando êle, no início, se comprometeu com Javé e nêle acreditou, sabia êle o que o futuro lhe reservava? Conhecia êle, por acaso, o que implicaria esta aliança na concreticidade histórica? Estava êle ciente das obediências concretas a Deus que lhe sobreviriam, p. ex.: a do sacrifício de seu filho Isaac, sacrifício que, segundo uma sabedoria, planejamentos e cálculos meramente humanos,

(4) Gên 17,7; cf. capítulos 15 e 17.

(5) Cf também Col 3, 11. A mesma realidade do interrelacionamento com Deus é expressa também de outras formas: filhos de Deus, amigos de Deus, Deus presente ao seu povo, Deus esposo do povo eleito, íntima união dos homens entre si e com Deus: Jo 17, 20ss; Ef 2.

(6) Sobre a aliança pode-se ver, por exemplo: DE AUSEJO, S. — HAAG, H.

— VAN DEN BORN, A.: *Allianza*, em *Diccionario de la Biblia*, Barcelona, 1964. LOHFINK, N.: *Bund*, em HAAG, H.: *Bibel Lexikon*, Einsiedeln, 1968, 2.^a ed. SCHILDENBERGER, J.: *Bund*, em BAUER, J. B.: *Bibeltheologisches Wörterbuch*, Graz, 1967, 3.^a ed.; GIBLET, J. — GRELOT, P.: *Alliance*, em LÉON-DUFOUR: *Vocabulaire de Théologie Biblique*, Paris, 1970, 2.^a ed. *Ulterior Bibliografia nos autores indicados.*

significaria a destruição das promessas de Deus e das esperanças de Abraão? Como podia Abraão engajar-se na aliança com Deus? Não estava êle cortando pela raiz a sua liberdade?

O que permite a Abraão de entrar na aliança com Deus para sempre é a palavra engajadora de Deus (a promessa), é o próprio amor de Deus a Abraão. Dêstes brotam a fé e a confiança de Abraão. Só nesta base há possibilidade de, com ousadia, dispor para sempre do futuro, sem contudo fechá-lo.

E como pôde o povo de Israel aliar-se a Deus para sempre, comprometendo-se a viver o interrelacionamento com Deus mediante a observância dos mandamentos? Recordemos apenas o fato de Israel ter dado sua palavra de amar, adorar e servir ao único e verdadeiro Deus, com exclusão de todos os outros deuses. (É quase impossível para nós imaginar o que isto significava num ambiente de politeísmo). Não devia Israel manter-se "livre", "aberto" em relação ao futuro, para, de acôrdo com as situações históricas diferentes que adviriam, cultuar e servir aos deuses das regiões em que viveriam? Não seria esta a verdadeira liberdade? Por que amarrar-se a um Deus, o de Abraão, Isaac e Jacó, e isto, ainda, mediante mandamentos?

E, contudo, o povo, baseado na "experiência" da fidelidade de Deus para com Abraão, Isaac e Jacó, e fundamentado na palavra engajadora de Deus

e de Seu amor, ousa unir-se concretamente Aquele que promete de, sempre, lhe ser propício: "Por onde se saberá que temos todo o vosso favor, eu (Moisés) e o vosso povo? Porventura, não é necessário para isto justamente que marcheis conosco? É o que nos distinguirá, eu e o vosso povo, de todas as outras nações da terra. O que pedes, replicou o Senhor, fá-lo-ei; por que tens todo o meu favor, e te conheço pelo teu nome" (Êx 33, 15—17; cf tb. Êx 3).

4. Um olhar sôbre a história sagrada nos mostrará que Deus foi fiel a suas promessas, ao seu amor. Os descendentes de Abraão tornaram-se numerosos, apoderam-se da terra prometida, retornam do exílio. Quantas vêzes o Nôvo Testamento recorda que as promessas feitas a Abraão e ao povo eleito estavam se realizando em Cristo, nos tempos de Cristo, na comunidade cristã primitiva (7).

Deus é fiel. Sua palavra permanece: "A erva seca e a flor fenece, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente" (Is 40, 8); "Passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras não passarão" (Mt 24, 35). Seu amor incompreensível pelo povo eleito, pelos homens é fiel. Deus diz ao povo infiel, mediante o profeta Oséias: "Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Despo-

(7) Cf p. ex.: Lc 1, 68—78; 4, 21; 18, 31; 22, 37; Jo 19, 28—30; Gál 3, 16—29; At 2, 16, 39; 2 Cor 1, 20.

sar-te-ei com fidelidade, e tu conhecerás o Senhor” (Os 2, 21s) (8). São Paulo ao lamentar com tristeza a infidelidade de grande parte de seu povo (cf. Rom 9—11) relembra que a palavra de Deus não falhou (Rom. 9, 6), e que o próprio povo de Israel ainda será salvo (Rom 11, 25ss). E S. Paulo indica o motivo: “Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rom 11, 29), Deus em Seu amor aos homens não volta atrás! O apóstolo ao exortar os tessalonicenses a viverem, em meio às dificuldades, uma vida cristã em vista da segunda vinda de Cristo, recorda-lhes que o poderão, porque Deus é fiel e lhes concederá o Seu amor: “Que todo vosso ser, espírito, alma e corpo sejam conservados irrepreensíveis para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é aquele que vos chamou, e é Ele quem o cumprirá” (1 Tess 5, 23s); “O Senhor é fiel. Ele vos confirmará e vos guardará do mal. Quanto a vós, confiamos inteiramente no Senhor que todos vós fazeis e fareis o que vos mandamos. Que o Senhor vos dirija os corações para o amor de Deus e a paciência de Cristo.” (2 Tess 3, 3—5).

(8) Veja-se a descrição da fidelidade do amor de Deus e da infidelidade do povo eleito em todo livro de Oséias, mas de um modo particular nos capítulos 2 e 11. A história da salvação é história do amor fiel de Deus, cf p. ex. SPICQ, C. — LACAN, M. F.: *Fidélité*, em LÉON-DUFOUR, X.: *Vocabulaire de Théologie Biblique*, Paris, 1970, 2.^a ed.; VANHOYE, A.: *Accomplir*, idem.

(9) Com estas palavras queremos aludir à realidade profunda do cristianismo: a união com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo, é dom do amor de Deus e não simples fruto dos esforços, do agir humano. A livre corres-

pondência do homem, requerida pela própria revelação, é simultaneamente dom de Deus e resposta livre do homem. O homem com seu agir livre, em todo e qualquer campo, não pode “forçar”, “dominar” a Deus e Seu amor. O ato livre do homem já é resposta possibilitada pelo amor gratuito de Deus; já é ato de uma liberdade “situada” no apêlo-amor de Deus.

O amor fiel de Deus aos homens realizará, levará a termo a história da aliança: a união dos homens com Deus. Este amor implica a livre correspondência dos homens: a fé e a confiança em Deus, dons de Deus; como traz consigo também a obediência no amor da vida diária, possibilitada igualmente pelo amor divino (9).
Se por um lado a história da salvação é a história da fidelidade do amor de Deus aos homens, por outro lado ela é, simultaneamente, a história da fidelidade-infidelidade do povo eleito. É a história do amor e do pecado dos homens. Esta infidelidade não pode ser reduzida simplesmente à imaturidade evolutiva do povo, ou a imaturidades — anomalias psicológicas (10). O povo, em e apesar de tôdas as imaturidades, não correspondeu livremente ao apêlo divino, à aliança, à união com Deus, com o qual se comprometera. Entre tantos testemunhos do Antigo Testamento (11), lembremos apenas um dos testemunhos de Jeremias: “Assim fala Javé: lembro-me da afeição de tua juventude, do amor de teus desponsórios, quando me seguias no deserto. Era então Israel propriedade

pondência do homem, requerida pela própria revelação, é simultaneamente dom de Deus e resposta livre do homem. O homem com seu agir livre, em todo e qualquer campo, não pode “forçar”, “dominar” a Deus e Seu amor. O ato livre do homem já é resposta possibilitada pelo amor gratuito de Deus; já é ato de uma liberdade “situada” no apêlo-amor de Deus.

(10) Cf p. ex.: *O Nôvo Catecismo*, Instituto Catequético Superior de Nijmegen, São Paulo, 1969, 303s.

(11) Cf p. ex. os testemunhos no livro do Êxodo, Números, Amós, Oséias, Isaias, Jeremias, Ezequiel.

sagrada do Senhor” (Jer 2, 2s). O profeta mediante os termos usados, afeição (12) e amor, mostra com clareza que o povo correspondera inicialmente ao apêlo, ao amor de Deus, que o povo não só prometeu fidelidade e amor a Deus, mas amou realmente a Deus. A seguir Jeremias descreve poeticamente a infidelidade do povo: afastaram-se de Deus, correram atrás de vaidades (deuses, ídolos); já não “conheciam” a Deus, revoltaram-se contra Ele e recorreram aos ídolos; “o meu povo trocou aquêle que é sua glória por aquilo que para nada serve” (Jer. 2, 11); “meu povo cometeu uma dupla perversidade: abandonou-me a mim, fonte de água viva, para cavar cisternas, cisternas fendidas que não retêm a água” (Jer. 2, 13). O povo foi infiel, o exílio será o seu castigo: “A tua malícia valeu-te êste castigo; as tuas infidelidades provocaram sobre ti a punição” (Jer 2, 19). O povo rompeu o amor com Deus: “Há muito sacudiste o teu jugo, rompestes os teus vínculos, disseste: não servirei mais” (Jer 2, 20). Inicialmente houve verdadeiro e autêntico amor de Israel para com Javé. Mas aos poucos introduziu-se a infidelidade, até chegar ao rompimento... Israel não suporta mais os vínculos de amor a Deus, preferiu prostituir-se com os deuses.

O dado bíblico nos mostra com clareza que pode haver, que houve de fato, na resposta

de amor do povo ao apêlo de Deus, infidelidade. O dado bíblico mostra igualmente que um verdadeiro amor inicial não leva necessariamente à plenitude do amor, mas que êle pode terminar no rompimento do interrelacionamento, no separar-se o povo de seu Deus. Expressando a mesma realidade de outra forma: o fato de uma comunidade não poder viver, agora a união com Deus, não significa que entre ela e Deus nunca houve uma verdadeira vida de união. A infidelidade não é uma mera possibilidade teórica, abstrata... Ela é realidade na vida concreta da comunicação entre os homens e Deus e entre os próprios homens...

O povo julgava que a “experiência” de abandonar o Seu Deus para unir-se a outros deuses era “libertar-se” do “jugo”. As novas circunstâncias históricas, tão diversas das de outrora e que situavam a liberdade do povo de maneira tão diferente, levavam-no a optar, dentro da “fidelidade ao seu ser” e para a sua plena “realização” pelos deuses-ídolos e renunciar ao seu primeiro amor, o amor a Javé.

Deus, por Jeremias, diz a seu povo: “A tua malícia valeu-te êste castigo; as tuas infidelidades provocaram sobre ti a punição; compreende e vê como é funesto e amargo abandonar a Javé teu Deus e não possuíres o meu temor” (Jer. 2, 19). O abandonar ao Deus vivo e verdadeiro (não a caricaturas

(12) “A palavra *héséd*, cf Os 2, 21, designa aqui, com um colorido afetivo, a lealdade das relações entre Israel e seu

Deus, na intimidade da aliança”, La Sainte Bible de Jérusalem, Paris, 1961, p. 1057, nota b.

de Deus) não é “realização” e “libertação”, mas amargura e destruição do próprio ser!

O Novo Testamento não é menos radical: após a parábola dos vinhateiros, que mataram até o filho do proprietário, está escrito: “Nunca lestes nas escrituras: ‘a pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular? isto é obra do Senhor, e é admirável aos nossos olhos’? Por isso vos digo: ser-vos-á tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que produzirá os frutos d’Ele. Aquêles que tropeçar nesta pedra, far-se-á em pedaços, e aquêles sobre quem ela cair, será esmagado. Ouvindo isto, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus compreenderam que era d’Eles que Jesus falava” (Mt 21, 42—45; cf Mt 8, 11s).

A imagem é outra, a realidade é a mesma: Deus, em Cristo, foi rejeitado. Preferiram as suas tradições, o seu legalismo, as suas obras e um messianismo terreno ao genuíno amor e messianismo de Cristo: a fé e o amor a Deus, e a caridade e justiça para com o próximo.

Também S. Paulo descreve a infidelidade do povo eleito ao amor de Deus (cf. Rom 9—11), e mostra a culpabilidade diante de Deus tanto dos judeus como dos gentios (cf. Rom 1, 18—3, 20). Qual a causa desta infide-

lidade de Israel? S. Paulo, resumindo a atitude de Israel, diz que a causa está no fato d’Eles quererem obter a união com Deus, a aliança com Deus, mediante as suas obras, mediante a sua observância das leis, quando a aliança é dom de Deus, dom de Seu amor e misericórdia, a ser recebido na fé (cf., p. ex., Rom 9, 32).

Mais uma vez fica claro: a infidelidade ao amor de Deus não é só possível, é real.

A fidelidade a Deus, ao seu amor é dom de Deus, há de ser pedida humildemente na oração (cf. 1 Rs 8, 56ss). Só Ele pode dar-nos um “coração novo”, o “seu Espírito” para podermos corresponder ao Seu amor (cf. Sl 50; Ez 36, 26s; Rom 8; Ef 2).

5. A fidelidade a Deus não é fidelidade a coisas, a um pacto jurídico ou a leis eternas: “Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência (hésed) e amor. Desposar-te-ei com fidelidade, e tu conhecerás o Senhor” (Os 2, 21—22). Trata-se da fidelidade de Deus à aliança, isto é, ao amor interpessoal de Deus ao povo eleito, aos homens (13). “Considera com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato” (1 Jo 3, 1).

(13) Hésed (benevolência, graça) “exprime em primeiro lugar a idéia de um vínculo, de um engajamento. No campo profano a palavra designa a amizade, a solidariedade, a lealdade, principalmente quando estas virtudes procedem de um pacto. Em (relação a) Deus este termo exprime a fidelidade à sua aliança e a bondade que dela dimanava para com o povo eleito (a “graça” em Ex 34, 6). Dito de outra

forma (o termo exprime)... o amor de Deus por seu povo, Sl 136, 1—26; Jer. 31, 3 etc. e os benefícios que d’Ele dimanam, Ex 20, 6; Dt 5, 10; 2 Sam 22, 51; Jer 32, 18; Sl 136, 51”; La Sainte Bible de Jérusalem, Paris, 1961, p. 1213, nota b. Cf também GLUECK, N.: Hésed in the Bible, Cincinnati, 1967. Nos estudos sobre “aliança” encontra-se a mesma perspectiva, cf supra nota 6.

"Nisto consiste o amor: não em nós termos amado a Deus, mas em ter-nos Ele amado primeiro e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados" (1 Jo 4, 10).

A genuína e verdadeira fidelidade do povo eleito, que corresponde à fidelidade divina, não é uma fidelidade fria a leis, normas ou coisas. Se ao longo da história a fidelidade à aliança foi interpretada e vivida como fidelidade a leis e a normas; se a união a Deus era considerada como fruto das obras, esta interpretação e êste modo de vida foi uma degeneração, um afastar-se do espírito primitivo. Desde o início, através dos profetas até S. Paulo êste modo de viver a aliança, de ser fiel, foi sempre combatido. A fidelidade do povo a Deus, como a aliança, situa-se, originariamente e em sua interpretação e vivência autênticas, no nível do interrelacionamento pessoal, do amor verdadeiro (14). Evidentemente êste amor não é um amor platônico, abstrato, mas um amor concretizado no amor e na justiça ao próximo e no culto ao único e verdadeiro Deus, em outras palavras, nos dez mandamentos. "Eis o seu mandamento: que **creiamos** no

nome do seu Filho Jesus Cristo, e **nos amemos** uns aos outros. Quem observa os seus mandamentos, permanece em Deus e Deus nele" (1 Jo 3, 23s). O viver a resposta pessoal a Deus, ser fiel à aliança na fé, na confiança e no amor, não é fruto das obras do povo, mas dom de Deus. Dom, entretanto, que requer a correspondência concreta do povo.

A fidelidade do povo não é uma alienação, é uma fidelidade ao próprio ser do povo. A sua origem deve-se ao amor de predileção de Javé, e seu sentido é o de ser o "povo de Deus". "Ês um povo consagrado ao Senhor, Teu Deus, o qual te escolheu para seres o seu povo, sua propriedade exclusiva, entre todas as outras nações da terra. Não é porque sois mais numerosos que todos os outros povos que o Senhor se uniu a vós e vos escolheu; ao contrário, sois o menor de todos. Mas o Senhor ama-vos e quer guardar o juramento que fez a vossos pais" (Deut 7, 6—8). Séculos mais tarde o Deutero-Isaiás exprime a mesma realidade, dizendo que Deus criou, formou a Israel e por isto o tornará a salvar (15). Ser o sentido do povo o interrelacionamento

(14) Cf p. ex.: DE AUSEJO, S. — HAAG, H. — VAN DEN BORN, A.: *Allanza, em Diccionario de la Biblia*, Barcelona, 1964; GLUECK, N.: op. c. "O hêsed de Deus suscita no homem também o hêsed, isto é o dom da alma, a amizade confiante, o abandono, a ternura, a "piedade", numa palavra o amor, que se traduz pela submissão alegre à vontade de Deus e pela caridade ao próximo, Os 4, 2: 6, 6". La Sainte Bible de Jérusalem, p. 1213, nota b. Cf também o sentido de "conhecer" na Bíblia: "conhecimento de experiência feito" e não abstrato. A oposição exagerada, que se tem apresentado em catequeses, sermões e

mesmo livros entre o Deus do A. T. e do N. T.: Deus terrível-Deus de amor, religião do temor, da lei — religião do amor, da liberdade, é um falsear a realidade e prejudica a compreensão do autêntico relacionamento de Deus com o povo eleito.

(15) Cf Is 42-45; p. ex.: 42, 6; 43, 1. 3. 7. 15. 21; 44, 1. 24; 45, 11. De acordo com os melhores intérpretes os termos "criar" e "formar", quando são empregados aí em relação ao povo eleito significam "dar origem salvífica". O mesmo significado é usado em outras passagens do A. T. e N. T. quando se fala p. ex.: em "nova criatura".

com Deus, está muito bem expresso na fórmula da aliança: "Vós sereis o meu povo e eu serei vosso Deus". Para o povo de Israel, ser fiel ao seu próprio ser, é, na concreticidade de sua história, de suas situações e relacionamentos com os outros povos, ser fiel ao amor de Deus, à aliança com Javé.

6. O interrelacionamento pessoal de Deus com o povo eleito realizou-se e realiza-se historicamente. Deus foi e é fiel às promessas feitas a Abraão, Isaac e Jacó. Mas esta fidelidade não é uma fidelidade estagnada, ela não excluiu, pelo contrário, implicou a plenificação das promessas. A própria palavra engajadora de Deus ampliou-se, universalizou-se. As promessas iniciais: descendência numerosa, posse da terra santa, ampliam-se para a "nova e eterna aliança" e sua universalização, para os "novos céus e nova terra", para a vinda do Messias e a restauração do Reino, para finalmente culminarem em Cristo e em suas promessas.

Se por um lado as promessas não se cumprem plenamente no Antigo Testamento, por outro elas sempre se mantêm abertas para um futuro nôvo e sempre mais realizador. No Nôvo Testamento, entretanto, o cumprimento divino das promessas ultrapassa qualquer previsão. Cristo, o Sim do Pai às promessas (cf. 2 Cor 1, 20), transcende incompreensivelmente a tôdas as promessas feitas. Ele "integrando numa síntese, até então imprevisível,

as palavras antigas, confere-lhes uma nova plenitude de sentido" (16), e por sua vez rasga horizontes para um futuro sempre nôvo.

A raiz última desta contínua superação é, por uma parte, a limitação e historicidade da comunidade humana, e, por outra, o próprio Deus, sempre maior e sempre nôvo em seu amor aos homens.

A esta lenta mas contínua plenificação da fidelidade divina, deveria ter correspondido a fidelidade histórica do povo eleito. A realidade, entretanto, mostrou que o povo, em grande parte, e por diversas razões, não conseguiu acompanhar a marcha histórica do apêlo divino. O povo perdeu-se no legalismo e na auto-salvação, não conseguiu corresponder ao chamado, a ultrapassar o messianismo terreno; não conseguiu manter-se aberto às novas comunicações de Deus, que em Cristo, Verbo de Deus encarnado, quis dar-se, em forma humana, a êles e a todos os homens. A fidelidade a Deus implica sempre o não-estagnar, o não-parar. Implica o ir avante, o ultrapassar-se, o manter-se aberto ao Deus sempre nôvo e inesperado em Seu amor.

Se por um lado a fidelidade, tanto da parte de Deus como da parte do povo, exclui a fixação no passado e implica uma sempre maior comunicação de Deus aos homens, por outro lado, e a história da salvação o atesta com clareza meridiana,

(16) VANHOYE, A.: Accomplir, em LÉON-DUFOUR, X. op. c.

êste convite à plenificação histórica no interrelacionamento do povo com Deus, e a sua própria plenitude, são plenificação e plenitude de um início. A plenificação e a plenitude não renegam a promessa, a aliança inicial. O "Vós sereis o meu povo, e Eu serei o vosso Deus", dos inícios da história da salvação, estará presente na promessa e na realização plena do desígnio divino: após a ressurreição de todos "virá o fim, quando (Cristo) entregar o Reino a Deus, o Pai... Quando tudo lhe estiver sujeito (a Cristo), então também o próprio Filho submeter-se-á Aquelle que lhe sujeitou tôdas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos" (1 Cor 15, 24. 28).

Conseqüentemente também a fidelidade, de acôrdo com o próprio ser histórico do povo eleito e do amor de Deus, não pode significar a negação ou a ruptura da aliança, do amor inicial. Ela é, necessariamente, a fidelidade ao primeiro amor (17), chamado a plenificar-se.

É interessante notar que a fidelidade ultrapassante de Deus em suas promessas ao povo não renega nem mesmo a concreticidade material inicial, embora a supere surpreendentemente. O que são as promessas da ressurreição final, individual e comunitária, e a promessa dos "novos céus e nova terra" (aspecto cósmico) senão a plenificação da concreticidade da promessa da terra santa,

terra de fartura, de pujança, de vida e felicidade?

Por sua vez a fidelidade do povo eleito ao amor de Deus, sempre nôvo, também não poderá significar jamais a renegação ou o rompimento com a concreticidade do primeiro amor: amor ao único e verdadeiro Deus, amor e justiça ao próximo, expressos de alguma forma nos dez mandamentos.

7. Um olhar, na fé, para a Igreja de Cristo, o nôvo povo de Deus (18), nos mostra que Deus em sua doação aos homens continuou e continua a ser fiel.

Através da história dêste nôvo povo de Deus houve e há infidelidades. A igreja de Cristo, entretanto, que "subsiste na Igreja Católica" (19), continua a ser a mesma que Cristo fundou e por outro lado tenta ser fiel aos apelos constantes de Deus para uma contínua renovação e plenificação (20). A fidelidade do povo de Deus ao amor divino é fidelidade ao primeiro amor. A Igreja de hoje não pode renegar ou romper com a Igreja instituída por Cristo. Ela deve manter a mesma identidade para ser aquela amada por Cristo. A fidelidade ao Cristo sempre vivo radica no passado. E contudo esta fidelidade não significa e não pode significar esclerotização e estagnação no passado, ela é abertura para o Deus que quer comunicar-se mais plenamente hoje e no futuro.

(17) Cf p. ex.: Jer. 2; Os 2.

(18) Cf Lumen Gentium n.º 9.

(19) Lumen Gentium n.º 8, 2.

(20) Cf p. ex.: Lumen Gentium n.º 8.

Todo empreendimento do Vaticano II foi um esforço de corresponder aos apelos concretos de Deus para uma renovação da Igreja no mundo de hoje.

O povo de Deus, e neste uma comunidade eclesial, sem conhecer as concretizações históricas das situações futuras, e sem condenar-se a um fechamento sobre si mesmo e sobre o passado, pode ousar unir-se para sempre ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, para ser "sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (21). A esta ousadia e à esperança de ser fiel a este engajamento impulsionam-no, não a vitalidade própria, os planejamentos humanos ou a confiança em si mesmo, mas a palavra engajadora do amor de Cristo, que lhe possibilitará de corresponder ao apêlo e realizar a sua missão: "Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo" (Mt 28, 20).

8. O Concílio Vaticano II mostrou claramente que a fidelidade dos Institutos Religiosos não significa de modo algum fixação no passado. Pelo contrário, significa renovação de acordo com o seguimento a Cristo, o carisma do fundador e a realidade das situações atuais (21a). O fato nos mostra que a fidelidade implica elementos altamente dinâmicos. "Seguir a Cristo": trata-se de um relacionamento a uma pessoa viva, o que jamais pode significar estagnação. A vida religiosa é um carisma. Carisma é um dom do Espírito Santo para o povo de Deus hoje; signi-

fica espírito e vida. Finalmente a realidade, as condições atuais às quais a vida religiosa deve adaptar-se já se encarrega de impedir que esta se fixe ao passado.

Por outro lado os mencionados princípios de renovação implicam realidades constantes: o seguimento concreto de Cristo é seguimento na pobreza, castidade e obediência. O dom do Espírito é este e não aquele; se é o dom da vida religiosa, ele é este e não o de um instituto secular (vale o mesmo em sentido contrário). É um dom em primeiro lugar para o bem da comunidade eclesial e não para o indivíduo. Acresce que o carisma é o dado ao fundador e ao Instituto que fundou. Se, portanto, as circunstâncias históricas já não precisam mais deste carisma para o bem do povo, este modo de ser deixará de existir. Não há da parte da revelação nenhuma garantia que Este determinado Instituto permanecerá para sempre. Ele poderá transformar-se radicalmente. Será então outra concretização do amor e missão de Cristo.

Se as comunidades, os Institutos Religiosos olharem para o próprio ideal proposto pelo fundador, para a renovação concreta proposta pelo Concílio, pelos capítulos gerais, congregações gerais, pelas Conclusões de Medellín (21b), pelos Superiores Maiores do Brasil (21c), e finalmente para a própria

(21) Lumen Gentium n.º 1.

(21) a. Cf. Perfectae Caritatis: Decretum de accommodata renovatione vitae religiosae; cf de modo especial n.º 2.

(21) b. CELAM: A Igreja na atual trans-

formação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões de Medellín, Petrópolis, 1968.

(21) c. CRB: A vida religiosa no Brasil de Hoje, 1968.

realidade circundante; e se isto tudo é realmente tido como apêlo de Cristo no momento atual, até que ponto as comunidades maiores e menores têm procurado corresponder a êste apêlo?

Certamente houve e há tentativas e ensaios de renovação e fidelidade a Cristo.

Não haverá, entretanto, também lastimáveis, embora compreensíveis, fixações ao passado, por falso temor de infidelidade? Por temor de assumir os riscos iminentes a todo progredir? Nesta perspectiva haveria a compreensão errônea de fidelidade, como fixação pura e simples ao passado. Seria esquecer que a comunidade humana é histórica, também no seu interrelacionamento a Cristo, e que é necessário que ela cresça se ela quiser permanecer fiel a Cristo.

Não haverá, por outra parte, também lastimáveis e compreensíveis negações totais do passado? Não só negações de concretizações culturais, de costumes e de modos de ser pertencentes a épocas passadas, mas negações vividas do próprio cerne da vida religiosa? Do seguimento radical, individual e comunitário, a Cristo com um coração indiviso, na castidade, pobreza e obediência evangélicas?

Seria difícil indicar as numerosas e complexas causas que influem nesta última atitude. Limitar-me-ei a indicar rapidamente algumas, que, menos ou mais, podem influir nesta situação. Nesta atitude parece existir uma negação implícita

da historicidade do ser, ao se negar o valor, a influência e a necessária relação de uma comunidade ao passado. A liberdade humana, não só do indivíduo, mas de um grupo é de tal forma absolutizada, que praticamente já não se reconhecem mais as justas e necessárias limitações da liberdade, decorrentes da situação humana: relações a grupos maiores, dependência de estruturas (conseqüências da materialidade do próprio ser humano), relacionamento à autoridade. A própria reinterpretação, necessária e legítima, do dogma, da teologia e da vida cristã, quando levada a exageros, em vez de purificação, traz consigo a destruição da vida religiosa. Nesta linha vão as tendências radicais: da teologia da morte de Deus, no sentido forte do termo; das negações explícitas ou veladas da divindade de Cristo; da destruição dos fundamentos de uma autêntica eclesiologia; da redução de toda realidade a uma visão pura e simplesmente humana; do esvaziamento lento, mas profundo, da própria revelação e conseqüentemente da fé e da oração.

Nestas perspectivas não é somente difícil, mas impossível e absurdo viver a vida religiosa, por mais que ela se adapte às circunstâncias e sinais dos tempos. Poder-se-á talvez ser fiel a certas dimensões do homem, mas não ao homem na totalidade de suas dimensões, às quais, de acôrdo com a revelação, pertencem as relações ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, na comunidade concre-

ta do povo cristão (sem mencionar as da vida religiosa).

A vida religiosa, entretanto, dom do Espírito Santo ao povo de Deus, sairá purificada do meio da presente tribulação para testemunhar o amor fiel e indefectível de Cristo aos homens.

II. O Interrelacionamento do indivíduo com Deus

O que vale da relação do povo eleito com Deus, vale, conservadas as devidas proporções do interrelacionamento de uma pessoa com Deus. O apêlo de Deus a uma pessoa concreta a pertencer ao Seu povo é simultaneamente convite a participar da intimidade da vida divina, a realizar com Deus uma união de amor. Para facilitar a compreensão do tema subdividir-se-á a presente parte em dois sub-pontos, nos quais refletiremos brevemente, em primeiro lugar, sobre algumas vocações bíblicas e, em segundo lugar, sobre a vocação do cristão e do religioso.

II. 1. Vocações bíblicas

As vocações de Moisés e de grandes profetas do Antigo Testamento, como Isaías e Jeremias, foram vocações para a intimidade com Deus a ser vivida concretamente como guia do povo ou como profetas da palavra de Deus (22).

É Deus que os chama, na concreticidade histórica de suas existências reais. É ele que os elege, que os envolve com o Seu amor, para enviá-los à missão

(22) Cf Ex 3;4; Jer. 1; Is 6.

que lhes destinou. Jeremias nos diz que sua vocação provém desde antes do nascimento: "Foi-me dirigida nestes termos a palavra do Senhor: Antes que no seio fôsse formado, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado, e te havia designado profeta das nações" (Jer 1, 4s).

O apêlo a estas vocações concretas não trazia consigo de imediato o conhecimento do futuro. Moisés e os profetas, ao serem chamados para as suas missões concretas e para a intimidade com Deus, não sabiam o que o futuro lhes reservava. Moisés não conhecia os caminhos que havia de trilhar com o povo eleito no deserto. Não sabia das revoltas contínuas do povo contra êle e contra Deus. Jeremias não sabia que, por causa de sua missão, seria objeto de mofas, seria aprisionado, sofreria amarguras a ponto de um dia excluir ao Senhor: "Vós me seduzistes, Senhor, e eu me deixei seduzir; forçastes-me e vencestes. Tornei-me objeto de irrisão todo o dia, todos escarnecem de mim. Porque tão logo que falo devo levantar a voz, tropejar violências e rapinas. Sim, a palavra de Deus tornou-se-me em opróbrio, em escárnio todo o dia" (Jer. 20, 7—9).

Como podiam êstes homens comprometer-se com Deus tão concretamente? Não seria melhor deixar o futuro completamente aberto? Para ser fiel simplesmente às situações do futuro, sem nenhuma relação com o passado? Quem lhes garante que engajar-se nesta mis-

são determinada será para êles realização de suas potencialidades? Não poderão sobrevir situações muito concretas no futuro que lhes possibilitarão uma realização pessoal mais plenificante? Não seria melhor não engajar-se e deixar aberto o campo para outras "experiências?"

Lembremos apenas um fato: Jeremias, como referimos linhas acima, viveu momentos em sua vida nos quais experimentou a sua vocação como não-realização de sua personalidade, a ponto de dizer a Deus que Êle o enganara, seduzira. Chegou mesmo a amaldiçoar o seu nascimento, desejou ter morrido no seio materno (Jer 20, 14—18), apesar de saber que desde o nascimento Deus o escolhera para esta missão (Jer 1, 5). Amaldiçoar o nascimento era, portanto, amaldiçoar a sua vocação. Certamente, para chegar a tal ponto, Jeremias deve ter experimentado a execução de sua missão, isto é, a concreticidade de seu amor a Deus, como absoluta não-realização, como frustração de sua personalidade! A realização da personalidade, quando mal ou restritamente interpretada, não é critério de vocação divina!

Jeremias também se propôs outra saída para o impasse frustrativo de sua vocação: abandonar a sua missão (certamente para tentar outras "experiências" de realização): "Por isso propus: não pensarei mais nisso, não falarei mais em Seu (Deus) nome" (Jer 20, 9). Humanamente era êste o caminho a seguir, procurar a reali-

zação de sua personalidade por outra via, ainda mais que ser fiel a si é ser fiel a Deus. Não teria sido melhor nem se engajar com o concreto apêlo divino, e manter-se sempre "livre" para qualquer situação futura?

Estas e semelhantes reflexões podem ser feitas em tórno do interrelacionamento pessoal de Jeremias (e de outros profetas) com Deus na concreticidade histórica de suas vidas e missões.

Apesar das resistências iniciais (23), apesar do desconhecimento do que lhes havia de trazer a vida, Moisés e os profetas dão o seu sim a Deus, unem-se a êle, assumem a missão que êle lhes confiou, dão um rumo determinado às suas vidas. O que lhes possibilita o engajamento não é a confiança em suas capacidades e talentos (estavam cômicos de sua limitação), mas é o próprio Deus, que com sua presença, poder e amor, promete estar sempre com êles: "Não temas, Eu estarei contigo".

E os profetas permaneceram fiéis. Fidelidade a Deus, ao Seu amor e apêlo concreto. Fidelidade, que não foi fixação ao passado, mas crescimento lento, às vezes doloroso e amargo, de acôrdo com as circunstâncias históricas, da resposta inicial, da missão inicial, da união com Deus. A situação extremamente dolorosa em que Jeremias se encontrou ao colocar em xeque a sua vocação, levou-o a reassumir a sua opção.

(23). Cf. Êx 3,4; Jer. 1, 6. Isaías correspondeu sem hesitação ao apêlo divino, como mais tarde o faria S. Paulo, Is 6, 8; At 9, 6.

Não renegou a sua opção inicial, não a modificou, foi fiel a Deus, ao primeiro amor, na concreticidade de sua vocação, crescendo no amor, mediante as dificuldades das situações históricas. Reassumiu o seu sim, plenificando-o, e projetando-o para um futuro sempre maior. E tudo isto só foi possível, porque o amor de Deus, em sua concreticidade, não volta atrás, impele, convida o homem para uma intimidade sempre maior: "Mas senti no meu coração um fogo abrasador, comprimido dentro dos meus ossos; esforcei-me por contê-lo, mas não pude" (Jer. 20, 9), era a manifestação do amor de Deus: "Não temas, eu estarei contigo". Deus é fiel e possibilita sempre a fiel correspondência!

O evangelho nos fala pouco de Maria Santíssima, mas é o suficiente para nos mostrar que sua vocação concreta de união a Deus para o bem dos homens, como Mãe do Verbo humano, ela a pôde assumir responsabilmente: "faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38), e realizá-la até o fim, porque o Senhor estava com Ela (Lc 1, 28. 35). Ela assumiu e viveu a sua vocação na fé: "Bem-aventurada és tu que creste, pois se não de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas" (Lc 1, 45). Esta fé em Deus, entrega total a Deus e disponibilidade radical acompanha-la-ão até o fim. Só neste nível era possível a fidelidade crescente a Deus: o **superar e integrar em sua pri-**

meira opção as situações incompreensíveis, dolorosas, discordantes da sua vida, unida a de seu filho. A sua fidelidade levou-a a acompanhar Cristo até o pé da cruz. Realizavam-se assim as promissoras promessas de Deus? Não era este o fim trágico e amargo de uma vida iludida? Só a fé em Deus, no Seu amor, na Sua fidelidade pode ver, numa momentânea frustração e destruição humana, a passagem para a verdadeira realização. A ressurreição-assunção de Maria aos céus, aceita por nós na fé, nos atestam que a fidelidade a Deus, a Cristo, numa vocação bem concreta, para a salvação dos homens, assumida e vivida na fé, reassumida e aprofundada continuamente através das mais variadas e mesmo dolorosas circunstâncias da vida, mesmo que humanamente frustrantes e aniquiladoras, tem sentido divino e traz a promessa da verdadeira, autêntica, e plena realização do homem.

O chamado dos doze apóstolos a seguirem a Cristo deveria ser, nos dias turbulentos em que passamos, lido e meditado muito. Cristo os escolhe, elege, um a um (24) e como grupo (25). Cristo os elege. Isto significa um profundo amor pessoal de Cristo a cada um deles. É uma predileção que atinge o cerne do ser destes homens. É um convite de amor que situa as suas liberdades em um novo horizonte. É um convite divino para uma missão humano-di-

(24) Cf p. ex.: Jo 1, 35—51; Mt 4, 18; 9, 9—13; cf também Jo 15, 12—16.

(25) Cf Mc 3, 13—19; Jo 6, 70s.

vina. A sua origem: o próprio Pai: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair" (Jo 6, 44).

O primeiro encontro de Cristo com cada um dêles suscita uma resposta inicial, possibilitada pelo apêlo de Cristo, pela atração do Pai. É uma resposta sincera. Já se realiza a intercomunicação. É uma adesão, um seguimento verdadeiro a Cristo. Onze dêles permanecerão fiéis até a morte.

A correspondência ao chamado de Cristo, o crescimento no conhecimento e no amor a Ele, como no da própria missão é lento e dificultoso. Para seguir a Cristo de uma maneira concreta não é necessário, desde o início, conhecer perfeitamente a Cristo e a missão à qual Ele chama. Cristo vai se revelando e manifestando os seus planos concretos lenta mas progressivamente, de acôrdo com as circunstâncias históricas. Simultaneamente Ele possibilita ao que o segue de responder a êste chamamento.

O seguimento a Cristo e a aceitação de Sua mensagem podem trazer situações difíceis e decisivas. Cristo promete a Eucaristia. Muitos dos seus discípulos, não podendo admitir esta promessa, abandonam-no. "Desde então muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com Ele" (Jo 6, 66). Não conseguiram corresponder ao apêlo. . .

"Então Jesus perguntou aos doze: "Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, a quem iríamos

nós? Tu tens palavras de vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus" (Jo 6, 67—69). Fidelidade a Cristo! Ela brota do amor do Pai: "Ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lho fôr concedido" (Jo 6, 65). Fidelidade, que não é fixação no passado, (como o foi dos discípulos que abandonaram a Cristo), mas é abertura ao futuro, ao Cristo sempre maior, ao Pai que em Cristo e por Cristo quer comunicar-se sempre mais. Fidelidade, entretanto, que não rompe com o passado, mas aprofunda, com nova e livre opção, o primitivo seguimento a Cristo, a opção fundamental outrora feita.

Pouco depois da promessa do primado a Pedro, Jesus anuncia aos seus discípulos que Ele vai sofrer muito, ser maltratado e morto. Pedro se insurge: "Pedro então começou a interpelá-lo e protestar nestes termos: Que Deus não permita isto Senhor! Isto não acontecerá! Mas Jesus voltando-se para êle disse-lhe: Afasta-te, Satanás, tu és para mim um escândalo; **teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens**" (Mt 16, 22s). Como foi moroso o crescimento dos apóstolos no conhecimento íntimo de Cristo e de sua mensagem! Como tardaram a compreender que a missão de Cristo, como mais tarde a dos que o seguirão, não se mede em termos de "realização humana!" O próprio Cristo dirá após a sua ressurreição aos desanimados discípulos de Emaús: "Ó gente sem inteligência! Como sois

tardos de coração para crederes tudo o que anunciaram os profetas! Porventura não era necessário que Cristo sofresse estas coisas e assim entrasse na sua glória?" (Lc 24, 25s). A partir destes e de muitos outros textos escriturísticos fica claro que não se pode estabelecer como critério para discernir uma vocação a "realização humana" pura e simples. Não há dúvida, Cristo deseja a felicidade e a realização plena do homem. Esta realização, incluindo todas as dimensões do homem, tem como cerne último e englobante a união com Cristo, e por Cristo, no Espírito Santo, com o Pai. E este cerne, unido à caridade cristã, pode existir e existe também lá onde a vida humana é experimentada como frustração, como negação, como aniquilamento: p. ex.: doenças graves, incompreensões, fracassos e morte. Não se quer com isto reduzir a união a Cristo e à sua missão a estes aspectos negativos da vida humana. Seguir a Cristo é alegria, é pujança, é vida, é realização verdadeira, mas não medidos por critérios pura e simplesmente humanos: "afasta-te, Satanás, tu és para mim um escândalo (ocasião de tentação e pecado); **teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens**" (Mt 16, 23).

Pedro e os demais apóstolos, depois de Cristo os prevenir que lhes seria ocasião de queda, prometem de lhe ser fiel, de não o abandonar, de o acompanhar até a prisão, e se fôsse necessário, de morrer com ele (cf. Mt

26, 30—35; Lc 22, 33s). Cristo, dirigindo-se de modo especial a Pedro, lhe diz: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo, mas **Eu roguei por ti**, para que a tua fé não desfaleça" (26). Logo depois, Jesus, durante a sua agonia, exorta os apóstolos a orarem: "**Vigiai e orai**, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (27). Pedro negou o Mestre. Cristo o olhou! Pedro respondeu (Lc 22, 54—62).

Ser fiel a Cristo, na dinâmica da primeira correspondência, é manter-se aberto ao futuro, aberto para os novos apelos de Cristo, concretizados, em parte, nas circunstâncias históricas que vão surgindo. Estas novas situações poderão ser favoráveis ou adversas. Poder-se-á estar mais ou menos preparado para ir-lhes ao encontro. Poderão ser ocasião de correspondência ao apelo de Cristo, de real crescimento em sua intimidade. Mas poderão ser também ocasião de ruptura com Cristo, de negação de Cristo, de infidelidade...

Não sabemos o que o futuro nos reserva. Muita coisa hoje se planeja. Sabemos, em muitos campos, como preparar-nos para corresponder às situações que sobrevierem no futuro. Sabemos também, a partir de nossa fé, que estas circunstâncias futuras para serem ocasião de crescimento na intimidade com

(26) Lc 22, 31s; cf também a oração de Cristo ao Pai pelos discípulos: Jo 17, 6—19.

(27) Mc 14, 38; cf Mt 26, 41; Lc 22, 44. 46.

Cristo, na realização da missão que confiou à comunidade e a cada um, e para não serem ocasião de ruptura com Cristo na missão concreta que Ele nos confiou, é **absolutamente necessário** que nos preparemos para este futuro concreto pela oração. Oração, não só no sentido de encontro com Deus na ação e na caridade, mas oração no sentido forte do termo (28). Sem oração, a de Cristo, que na fé sabemos estar intercedendo por nós (29), com o Espírito Santo junto do Pai, (30), à qual unimos a nossa oração, é impossível ser fiel a Cristo, (na concreticidade da missão que nos confiou), que vem a nós num futuro sempre maior. Sem a oração é impossível discernir, nas circunstâncias do futuro, "os pensamentos de Deus" dos "pensamentos dos homens".

Com a vinda do Espírito Santo os apóstolos transformam-se. A transformação é **dom de Deus**, mas implica a correspondência! A visão político-terrena do "reino de Deus" desapareceu. Aos judeus e pagãos anunciam destemidamente Cristo morto e ressuscitado. Não podem deixar de falar d'Ele, nem mesmo diante dos chefes, dos anciãos e sumos sacerdotes, ainda que isto lhes cause a prisão e a morte (31). São Paulo dirá: "É que o amor de Cristo nos impele, ao pensamento que um morreu por todos, e, portanto, todos morreram, e que morreu por todos, a fim de que os que vi-

vem já não vivam para si mesmos, senão para aquele que morreu e ressuscitou por eles" (2 Cor 5, 14s).

O anúncio de Cristo aos pagãos, situação nova a ser enfrentada pelos apóstolos, trouxe-lhes sérias dificuldades: o problema da circuncisão, das leis e tradições judaicas. A fidelidade a Cristo, o estarem atentos às novas circunstâncias e à ação do Espírito Santo permite-lhes a superação da crise (32). A fidelidade a Cristo, vivida pelos apóstolos nestas circunstâncias novas, mostra que ela não é fixação ao passado. Sem ser negação do primitivo "segue-me" de Cristo, e da missão que lhes confiou, a de serem testemunhos seus em toda parte, a fidelidade dos apóstolos a Cristo é dinâmica, é abertura para as novas situações, a partir das quais, sob a luz do Espírito Santo, foi possível um ulterior aprofundamento no conhecimento e vivência de Cristo. Esta verdadeira fidelidade a Cristo trouxe consigo a ruptura com tradições, costumes e leis judaicas, que não pertenciam à boa nova. Só assim foi possível levar Cristo aos pagãos.

Os doze (Judas foi substituído por Matias) e Paulo permaneceram apóstolos até o fim. Seguiram e testemunharam a Cristo até a morte. Todos, com exceção de João, morreram cruentamente para testemunhar a Cristo morto e ressuscitado. O primeiro "Sim" ao apé-

(28) Outro problema é como fazer esta oração nos dias de hoje.

(29) Cf Rom 8, 34; 1 Jo 2, 1.

(30) Cf Rom 8, 26; Gál 4, 6.

(31) Cf p. ex.: At 1-5

(32) Cf p. ex.: At 10; 11; 15; Rom; Gál.

lo concreto de Cristo jamais foi renegado fundamentalmente. A união a Cristo, nos idos tempos do Jordão e da Galiléia, quando apenas conheciam ao próprio Cristo, quando desconheciam totalmente o que lhes reservava o futuro não tirou aos doze a liberdade, não os empobreceu, não os amarrou, nem fixou. Pelo contrário, concedeu-lhes, aos poucos, a verdadeira liberdade, a liberdade dos filhos de Deus (33), a autêntica riqueza, a de Cristo (34), o verdadeiro crescimento para a plenitude, não só individual, mas comunitária: “até chegarmos todos juntos à unidade da fé e do conhecimento de Filho de Deus, à perfeita maturidade do homem, que realiza a plenitude de Cristo” (35). Os apóstolos foram fiéis a Cristo até a morte e procuraram viver, testemunhar e transmitir o **mandamento** que receberam do Senhor: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”, “como Eu vos tenho amado” (36).

É possível unir-se a Cristo para sempre e com êle engajar-se numa missão concreta, a de apóstolo, se Cristo convidar, e ser fiel até a morte? É possível e tem sentido. Não é possível, nem tem sentido se o homem olhar só para si, para suas forças e capacidades, se os seus critérios forem critérios simples e puramente humanos. Só é possível e só tem sentido no

(33) Cf Rom 8, 21; 2 Cor 3, 17; Gál 5, 13.

(34) Cf 2 Cor 8, 9.

(35) Ef 4, 13.

(36) Jo 13, 35. 34; cf também Jo 17, 11. 20—23.

horizonte da fé em Cristo, fé de que o amor de Cristo, também na concreticidade de Seu apêlo, não volta atrás (Rom 11, 29); no horizonte de uma confiança inquebrantável e de um amor irrestrito a Cristo: “Minha expectativa e minha esperança são que em nada se-rei confundido, mas que hoje e como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, quer pela vida quer pela morte. Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (37); no horizonte, finalmente, de uma doação total aos homens: “fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos” (1 Cor 9, 22).

Também Judas foi realmente escolhido pelo Pai e por Cristo para ser apóstolo (38). Mas aos poucos, não sabemos porque, não quis mais corresponder. Não terá conseguido acompanhar a linha de crescimento da comunicação de Cristo. Esperava talvez outras perspectivas de realização... Cristo, entretanto, não voltou atrás no Seu amor a êle. Ainda no último encontro o chama de “amigo” (Cf. Mt 26, 50). O triste fato nos mostra que uma verdadeira correspondência inicial a um apêlo concreto de Cristo — ser apóstolo —, que um primeiro amor sincero e real não chegam necessariamente a crescer e conduzir à plenitude, podem de fato fracassar. A infidelidade a apelos concretos de Cristo, ao seu amor concreto é uma realidade!

(37) Filip 1, 20s; 3, 7—11; cf também 2 Tim 1, 12; Rom 8, 35; Gál 2, 20.

(38) Cf Mc 3, 13. 19; Jo 6, 70s; Jo 17, 12; At 1, 17.

II. 2. A vocação do cristão e do religioso

1. A vocação do cristão é, aos olhos da fé, um apêlo de Deus ao homem a viver, na pluridimensionalidade de seu ser, o interrelacionamento, a união com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo, na comunidade eclesial (39). É um convite a viver o designio salvífico do Pai, a intercomunicação pessoal e comunitária com êle, de um modo mais cômico e pleno (40). Trata-se de um amor pessoal de Deus a êste homem determinado. Êle o convida a participar de Sua intimidade de um modo concreto: como cristão. Em outras palavras: o amor divino a um homem não é um amor genérico, mas um **amor pessoal especificado**. Se Deus, no Seu amor, chama alguém a ser cristão, o Seu amor não se reduz a chamá-lo a viver como bom pagão.

Também o chamado de Deus a um cristão para viver a vida consagrada, a vida religiosa, em vista do bem de todo o povo de Deus, é um amor particular determinado de Deus a esta pessoa (41). É um apêlo a **relacionar-se de uma forma bem específica com Deus**, de seguir a Cristo de um modo bem determinado, com um coração indiviso, na pobreza e obediência para o bem salvífico dos cristãos e dos homens, testemunhando e anunciando, de uma

forma especial a transitoriedade da vida presente e a definitividade da vida eterna (42).

2. Na perspectiva exposta, a fidelidade de um cristão, de um religioso não é fidelidade a coisas, a leis, a normas, mas fidelidade a **alguém**, ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

As leis, as normas, os compromissos não querem ser e não são outra coisa do que um meio para auxiliar o homem a descobrir ou exprimir a concreticidade e especificidade do caminho para o encontro pessoal com Deus, no serviço ao próximo. Nesta perspectiva, quando não são demasiadas ou porfemorizadas, elas manifestam aos indivíduos que a fidelidade a Deus, não é simplesmente fazer o que cada um pensa. Não há dúvida, existe no homem uma tendência ao legalismo, ao farisaísmo, de modo a querer, mediante suas obras legais, dominar, dispor a bel prazer do amor de Deus. Deus, entretanto, não se deixa amarrar, convida o homem a ultrapassar o legalismo, a ir além da lei.

3. **Cristo não volta atrás no seu amor!** Se Cristo convida alguém a participar de Sua intimidade e missão como cristão ou religioso, se êste convite é um amor específico de Cristo, êste apêlo da parte de Cristo a êste indivíduo determinado é um apêlo para que seja cristão, religioso para sempre.

Creemos que ficou suficientemente fundamentado êste dado

(39) Cf supra nota 3.

(40) Cf Ad Gentes n.º 7, 3. Lastimavelmente a tradução portuguesa não exprime toda riqueza do texto original.

(41) Cf p. ex.: Lumen Gentium n.º 43; 44; Perfectae Caritatis, principalmente n.º 1 e 5.

(42) Cf p. ex.: Lumen Gentium n.º 44, 3.

por ocasião das reflexões sobre os fatos bíblicos. Seria incompreensível conciliar com o amor divino, amor que é doação, e doação que tende sempre a entregar-se mais, que Deus retrocedesse no amor concreto a uma pessoa. Seria incompreensível que Deus, tendo chamado alguém a participar mais plenamente de Seu amor, como cristão ou religioso, recue em Seu apêlo e doação, a esta mesma pessoa, chamando-a depois de um tempo só mais para uma intimidade implícita, incôscia, anônima (43). Diz a escritura que Deus não se arrepende, não volta atrás no seu amor. Ele é fiel! A especificidade do amor de Deus a esta pessoa, convidando-a a ser cristão ou religioso é para sempre: "os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Rom. 11, 29).

Deus convida o cristão para amá-lo de todo coração, com toda a alma, com todas suas forças, e a amar o próximo como Cristo amou os homens. Isto significa que Cristo o convida a amar a Deus e ao próximo, na comunidade eclesial, para sempre e não só por algum tempo.

Em relação à vida religiosa outro dado pode projetar luz sobre esta irrevocabilidade do amor de Deus. Acentua-se muito hoje a perspectiva escatológica do testemunho da vida religiosa. Os religiosos, comunitária e individualmente, devem

esforçar-se para dar, através de suas vidas, testemunho aos cristãos e ao mundo que o amor do Pai, de Cristo e do Espírito Santo aos homens é um amor para sempre; é um amor que não conhece arrependimento; é um amor que dá tudo, que dá-se a Si mesmo sem restrições, na medida em que os homens, já agora, o possam e queiram receber; é, finalmente, um amor que na eternidade dar-se-á plenamente e de tal forma que os homens já não quererão mais separar-se de Cristo. Para testemunhar, para tornar sensível, palpável aos cristãos e aos homens este Seu amor indefectível e em plenitude Ele escolhe alguns dentre eles. Seria inconcebível que para dar testemunho deste Seu amor indefectível, perene, total e pleno, Cristo convidasse alguns para segui-lo só por algum tempo. Esta provisoriidade seria um contra-sinal.

4. Pode o homem engajar-se para sempre? A partir da revelação, na fé respondemos: o homem pode comprometer-se para sempre com o amor específico de Deus, mesmo sem conhecer o futuro e suas circunstâncias (44). Deus é fiel, e é-o em seu amor concreto. Jamais abandonará o cristão ou o religioso. Acompanha-os sempre, proporcionando-lhes continuamente o poder corresponder, nas mais diversas circunstâncias, ao amor perene de

(43) Pelos motivos indicados e de acordo com a eclesiologia católica e a teologia da vida religiosa parece-nos uma inconseqüência afirmar, que alguém, que realmente foi chamado a ser ou religioso, ou católico, ou cristão, abandone a vida religiosa, o catolicis-

mo, ou o cristianismo para ser fiel a Deus.

(44) Em relação aos religiosos cf p. ex.: *Lumen Gentium* n.º 44, 1; *Instrução Renovacionis Causam* I, n.º 2; *Perfectae Caritatis* n.º 1, 3. Cf *infra* nota 47.

Deus. Esta esperança não os enganará. O próprio Cristo é o penhor. Deus será fiel. **O homem pode engajar-se para sempre** a viver como cristão ou como religioso, se Cristo o tiver eleito para esta vocação. Ele se engaja, não apoiando-se em suas forças, capacidades, talentos ou dotes, mas em Cristo e em seu amor (45).

O próprio amor a Deus traz consigo a dinâmica da perenidade. Quem se propusesse a amar a Deus só por algum tempo já agora não o estaria amando: "amarás a teu Deus de **todo o teu coração**".

5. Comprometer-se para sempre com Cristo e com sua missão não é limitar radicalmente a própria liberdade e realização?

Tôda e qualquer opção traz consigo uma limitação, uma exclusão de realizar outras possibilidades. Isto pertence inseparavelmente ao ser humano. O temor de frustração leva, hoje, muitos a "experimentar" de tudo um pouco. A própria experiência, entretanto, mostra que não é o "borboletear" por tôda parte que realiza verdadeiramente o homem. O homem realiza-se ao assumir responsável-

mente um rumo determinado na vida, renunciando serena e cõsciamente muitas outras possibilidades.

Surgir-lhe-ão, entretanto, perguntas, dúvidas, temores de frustração: será que num outro caminho não me teria realizado melhor? Quem me garante que êste é o meu caminho? O caminho da verdadeira libertação? Não será melhor não me engajar a fundo em nada e com ninguém e viver ao sabor do que vai surgindo? O sonhar com a plenitude realizadora dos possíveis é uma evasão. O temor de ter errado, que poderá voltar em qualquer opção nova, não é gerador de vida. O experimentar, de fato, um pouco de tudo leva ao vazio.

A partir da revelação cremos que, a exemplo de Cristo e com Ele, a radicalidade da opção por Deus na concreticidade limitada da vida cristã, da vida matrimonial ou religiosa, que implica para sempre a renúncia de infinidade de outras possibilidades, conduzirá, de acõrdo com a promessa divina, à verdadeira e **plena realização do homem**, ao único e englobante sentido da existência humana e à **autêntica liberdade dos filhos de Deus** (46).

(45) Se alguém ao decidir abraçar a vida religiosa (não me refiro aos que vão legitimamente testar a sua vocação) o faz com a intenção implícita ou explícita de nela permanecer só enquanto der, enquanto se sentir realizado, ou enquanto não encontrar outro caminho de realização, melhor seria que não se decidisse pela vida religiosa. Em tal situação, estão, ao meu ver, os que admitem que o homem deva deixar o seu futuro completamente aberto, também em relação a opções radicais, como o são as opções pela vida cristã, pela vida matrimonial cristã, pela vida religiosa.

(46) Cf supra nota 3. Veja-se o breve, muito bom e compreensível artigo de K. RAHNER: "Selbstverwirklichung und Annahme des Kreuzes", em *Schriften zur Theologie VIII, Einsiedeln*, 1967, pp. 322-326. Cf também K. RAHNER: "Würde und Freiheit des Menschen", em *Schriften zur Theologie II, Einsiedeln*, 1955, pp. 247-277; idem "Theologie der Freiheit" em *Schriften zur Theologie, VI, Einsiedeln*, 1965, pp. 215-237. Em relação aos religiosos cf p. ex.: *Lumen Gentium* n.º 44, 1; *Perfectae Caritatis* 1, 2; 12.

6. O apêlo de Cristo é sempre um convite para caminhar, na existência concreta, à plenitude da vida cristã, da vida religiosa (47).

Fidelidade a Cristo não significa, portanto, estagnação, fixação no passado: "Aquêle que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o reino de Deus" (Lc 9, 62). **A fidelidade a Cristo é abertura para o futuro**, para Cristo, que em seu amor sempre ultrapassa as nossas expectativas e vem de encontro a nós também nos sinais dos tempos, nas situações em que vivemos e que nos aguardam no futuro. Não há fidelidade sem crescimento, sem amadurecimento nas diversas dimensões do ser humano, incluídas as da vida cristã e da vida religiosa, de sua fundamentação, motivação e vivência. Fidelidade a Cristo é luta, é conquista, é missão, sem deixar de ser dom gratuito de Deus.

Esta fidelidade a Cristo, na vocação concreta a que êle chamou alguém, não é, entretanto, ruptura com o passado. O crescimento, a plenificação, é crescimento e plenificação do início, do comêço. A fidelidade ao amor concreto de Cristo, sem negar ou romper com o passado, assume e integra as novas situações no seu primeiro amor concreto, levando-o ao amadurecimento. Deus não volta atrás no seu amor concreto.

(47) Cf. Ef 4, 13; veja a descrição pormenorizada de Paulo em Filip 3, 7-14. Cf também: J. M. R. TILLARD, *Religiosos Hoje*, São Paulo, 1970, capítulo: Vida religiosa e dinamismo da fé, pp.

7. Se fidelidade a Cristo não significa estagnação mas crescimento, não se pode concluir daí que a correspondência ao apêlo de Cristo crescerá necessariamente, pelo fato de uma vez ter havido amor e de o amor trazer consigo a dinâmica do crescimento. Afirmar explícita ou implicitamente que onde há verdadeiro amor (entre amigos, esposos, entre o homem, cristão, religioso e Deus), êste necessária, mas livremente, crescerá, é desconhecer a história da salvação; é negar, pelo menos implicitamente, a liberdade do homem frente ao apêlo divino; é negar, pelo menos implicitamente, a historicidade do homem na concreticidade do amor e na livre correspondência a êle através de um lento, às vêzes dificultoso e doloroso crescimento; é negar, pelo menos implicitamente, que o homem vive continuamente em situações que o solicitam não só para o bem, mas também para o mal. Resumindo: é negar a possibilidade da infidelidade e do pecado, dos quais Cristo nos veio redimir. Toma implicitamente tal atitude quem admite, como **princípio universal**, que nunca houve verdadeiro amor mútuo, ou verdadeira vocação, em todo e qualquer caso de esposos, cuja coexistência se tornou insustentável, de religiosos que se julgam obrigados a sair da vida religiosa.

29-52; J. RATZINGER: "Zur Frage nach dem Sinn des priesterlichen Dienstes", em *Gelst und Leben* 41 (1968) 347-376, principalmente pp. 373-376.

8. A dinâmica da historicidade e do crescimento do homem, também no seu interrelacionamento com Deus, a ser vivido na concreticidade da vida, as novas e imprevisíveis situações, nas quais Deus, de uma ou de outra forma, vem de encontro ao homem são não somente ocasião para o homem aprofundar o relacionamento a Deus, pela livre correspondência, mas podem ser também a ocasião de uma não-correspondência, de uma infidelidade. Pode ser que alguém, em determinadas circunstâncias e dificuldades já não veja mais claro (quanta confusão existe, por exemplo, hoje no campo doutrinário católico); pode ser que já lhe pareça impossível seguir o caminho que vinha seguindo, que "deva" abandonar a trilha encetada de um encontro mais pleno com Cristo, por já não poder mais, por exemplo, crer em Deus, em Cristo, na concreticidade de Sua Igreja.

Não podemos julgar os indivíduos. Cada homem em sua história é um mistério. Quem poderá explicar este ou aquele caso concreto (48)? Mas a possibilidade mencionada não deixa de ser real: o indivíduo não consegue mais acompanhar o apelo de Deus para o encontro e a missão no caminho mais

pleno do cristianismo. **Se Deus o escolheu para ser cristão, Deus não volta atrás no seu amor concreto, não se arrepende em seus dons. Em Seu amor Ele não falhará nestas horas difíceis, possibilitando ao cristão, ao religioso de reassumir, nas novas situações e com novas aberturas a opção radical primitiva.**

A infidelidade só pode estar do lado dos homens: da comunidade em que vive o indivíduo, e do próprio indivíduo. O indivíduo não conseguiu crescer suficientemente para, no momento oportuno, superar as novas situações; ou julga que a comunidade não lhe oferece mais os meios, as condições para ser fiel a Deus, ao seu ser, nas novas situações em que ele se encontra.

9. O apelo de Cristo a um indivíduo, de O seguir na vida cristã ou religiosa, não é única e exclusivamente uma vontade existente em Deus. Este amor pessoal e específico de Deus a um indivíduo o situa e envolve na concreticidade de sua existência. Pertence à realidade total deste indivíduo o ser amado por Deus desta forma e não de outra. O convite parte de Deus, "Deus nos amou primeiro", mas atinge o homem no mais íntimo de seu ser (49). A partir

(48) Em relação a religiosos: muitos são os que só aos poucos descobrem que nunca tiveram vocação.

(49) L. MALEVEZ e K. RAHNER aprofundam esta realidade em relação à vontade salvífica universal de Deus. Cf respectivamente: "Là gratuité du surnaturel, em Nouvelle Revue Théologique 75 (1953) pp. 678ss; todo artigo, pp. 561-586, 673-689; "Über das Verhältnis von Natur und Gnade",

em Schriften zur Theologie I, Einsiedeln, 1954, pp. 323-345. Julgamos que o mesmo princípio deva-se aplicar ao cristão, ao religioso: à uma vontade eficaz de Deus corresponde necessariamente uma realidade no homem. Uma analogia pode ajudar-nos a compreender o dado. Frequentemente afirmamos: desde que encontrei X, a minha vida modificou. Modifiquei não só na exterioridade, mas na minha realidade mais íntima.

da revelação, portanto, e de sua interpretação, êste indivíduo concreto não pode mais compreender-se na totalidade de sua existência a não ser como "situado" dentro do chamado de Cristo, para viver como cristão, como religioso. Neste sentido, ser fiel a Cristo, em seu apêlo concreto, não é alienar-

se, mas é ser fiel a si mesmo, fiel à sua realidade total.

Deus é fiel. "Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Rom. 11, 29). O cristão e o religioso só podem ser fiéis apoiando-se na fidelidade de Deus: "Sei em quem pus a minha confiança" (II Tim. 1, 12).